

Minas Gerais

FAMÍLIA DE AGRICULTORES GERA VIDA E TRANSFORMA O SEMIÁRIDO EM MINAS GERAIS

O agroecossistema de Miguel Alves Duarte, 37 anos, está localizado na comunidade Córrego da Gangorra, no município de Caraiá (MG), Vale do Jequitinhonha, cujo bioma é a Mata Atlântica. Miguel vive com o irmão, a tia e a mãe. Desde muito jovem, ele trabalha na lavoura, colocando em prática o que aprendeu com o pai sobre agricultura.



A mãe, Delmira Alves Ferreira, 75 anos, e a tia, Geralda Alves Rodrigues, 52 anos, além de cuidar da casa são responsáveis pelo quintal produtivo, conservando a biodiversidade, construindo suas vivências e autonomia no ambiente doméstico.

Na roça, a família cultiva, banana, milho, feijão, alface, cebola, coentro e, em uma área de aproximadamente meio hectare, eles plantam abacaxi. “O abacaxi é o nosso principal cultivo na propriedade e meu pai também plantava abacaxi, essa prática é uma herança dele. Vendemos toda a produção em Caraiá”, explica Miguel.

A família é a maior produtora de abacaxi da região. O segredo, segundo Miguel, são as boas práticas como uso de mudas saudáveis e o cuidado com o tipo de solo para um bom desenvolvimento das plantas. O cultivo é realizado em covas, com o solo bem drenado e a presença de matéria orgânica. A produção ocorre com apenas um fruto por vez sendo a duração do ciclo de produção de 14 a 24 meses.

“Não temos nenhum sistema de irrigação, plantamos o abacaxi e esperamos a chuva chegar para molhar”, diz Miguel.



Para a família, o plantio de várias culturas é importante, pois além de diversificar a produção, fugindo do monocultivo, a estratégia possibilita que eles tenham alimentos para consumo, contribuindo para a segurança alimentar e nutricional. Esse modelo, também promove a sustentabilidade ambiental, melhorando os aspectos físicos, químicos e biológicos do solo.

Como parte do cuidado com a terra, a família utiliza adubo orgânico para cultivar as frutas e hortaliças. Miguel não faz uso de agrotóxico e nem de fogo no manejo da área, produzindo com base nos princípios da agroecologia que evitam a degradação do meio ambiente.

“Não usamos veneno nem adubo químico, fazemos o uso de esterco de vaca que é melhor e mais saudável para o ambiente e para nós”, revela Miguel.

Com o crescimento do agroecossistema, a família planeja comercializar a produção em supermercados da cidade e também participar do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

A concretização desse sonho está mais perto do que nunca. Em 2024, a família agricultora conquistou a cisterna calçadão. A tecnologia social com capacidade para 52 mil litros foi implementada pelo governo federal e pela Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) dentro do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2).

“A cisterna é muito boa e já está cheia de água. Com ela vamos molhar nossas plantas na época que faltar a chuva”, comemora Miguel.

Recaatingamento

Com mais água de qualidade para beber e produzir, a família passou a plantar mudas de pequi, laranja e café. No viveiro construído na propriedade, são cultivadas 250 mudas que são usadas no processo de reflorestamento do território, mas também para venda e doação.